

## ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE O “CASO ROBINHO” A PARTIR DOS CONSTRUTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE ESCALAS, ORDENS INDEXICAIS E ORDENS DE INDEXICALIDADE

ANÁLISIS DE REPORTAJES SOBRE EL "CASO ROBINHO" APARTIR DE LOS CONSTRUCTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE ESCALAS, ÓRDENES INDEXICALES Y ÓRDENES DE INDEXICALIDAD

Maicon Farias Vieira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho fundamenta-se na busca de uma linguística cuja prática é voltada à vida social e repensa fenômenos sociolinguísticos. Objetiva-se analisar à luz da linguística da prática comunicativa (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011), linguística aplicada crítica (RAJAGOPALAN, 2003, 2006) e linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006a, 2006b), as performances narrativas presentes em reportagens sobre o chamado “Caso Robinho”. As performances narrativas foram construídas por Robinho, Falco e Gutierres, todos envolvidos direta ou indiretamente com o caso, e as reportagens foram publicadas nos sites *Globo Esporte* e *UOL Esportes*, em outubro de 2020. Para tanto, observam-se as performances, em especial a partir dos construtos teórico-metodológicos de escalas, ordens indexicais e de ordens de indexicalidade, bem como os seus apontamentos na prática social. Como resultados são observados deslocamentos escalares negativos apontados por Falco, Gutierres e Robinho em relação à vítima do caso; ordens indexicais relativas à religiosidade e culpabilidade em relação a Robinho e, em relação à vítima, desqualificação e consentimento; e ordens de indexicalidade que apontam para a reconstrução do papel da vítima em culpada, a valorização da construção da mulher ocidental-cristã e julgamento pelas mãos divinas. Este trabalho enaltece, através dos construtos teórico-metodológicos escolhidos, as necessidades de análises linguísticas que se voltem a compreender a linguagem como prática social crítica e indisciplinar e suas suturas com as ciências sociais.

**Palavras-chave:** Narrativas; performatividade; escalas sociolinguísticas; indexicalidade.

**RESUMEN:** Este trabajo se funda en la búsqueda de una lingüística cuya práctica mira hacia la vida social y repiensa fenómenos sociolingüísticos. Se objetiva analizar a la luz de la lingüística de la práctica comunicativa (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011), lingüística aplicada crítica (RAJAGOPALAN, 2003, 2006) y lingüística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006a, 2006b) las performances narrativas presentes en reportajes sobre el dicho “caso Robinho”. Las performances narrativas fueron construidas por Robinho, Falco y Gutierres, todos involucrados directa o indirectamente con el caso, y los reportajes fueron publicados en los sitios de *Globo Esportes* y *UOL Esportes*, en octubre de 2020. Para tanto, se observan las performances, en

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Professor de espanhol - Prefeitura Municipal de Pelotas.

especial, a partir de los constructos teórico-metodológicos de escalas, órdenes indexicales y órdenes de indexicalidad, así como los apuntamientos en la práctica social. Como resultados son observados desplazamientos escalares negativos apuntados por Falco, Gutierrez y Robinho en relación a la víctima del caso; órdenes indexicales relacionadas a la religiosidad y culpabilidad en relación a Robinho y, en relación a la víctima, descalificación y consentimiento; órdenes de indexicalidad que apuntan para la reconstrucción del papel de la víctima en culpada, la valoración de la construcción de la mujer occidental-cristiana y juzgamiento por las manos divinas. Este trabajo enaltece, a través de los constructos teórico-metodológicos elegidos, las necesidades de análisis lingüísticas convergen a comprender el lenguaje como práctica social crítica e indisciplinar y sus suturas con las ciencias sociales.

**Palabras-clave:** Narrativas; performatividad; escalas sociolingüísticas; indexicalidad.

## 1 Introdução

A construção de pesquisas pautadas no mundo social é uma realidade em diversas áreas. Muitas dessas pesquisas buscam definir e contestar organizações sociais pautadas em referenciais da linguagem, como remonta a virada linguística. Essa é reconhecida como um movimento que posiciona a linguagem no centro das discussões, construindo e valorizando as subjetividades, além de buscar compreender os fenômenos sociais sustentados na linguagem.

Apoiado na virada linguística, outro movimento emerge em busca de uma virada em direção ao corpo: a virada somática. Essa não apenas compreende o papel da linguagem como espaço de compreensão social, mas destaca a significação das corporeidades. Esse movimento se pauta em três dimensões cruciais, segundo Pennycook (2006):

[...] uma reação contrária ao idealismo logocêntrico do pós-estruturalismo, a tentativa de recuperar os domínios do ser que foram extirpados pela filosofia racionalista e a demanda política, particularmente a feminista, de considerar nossa presença física. (PENNYCOOK, 2006, 79)

As observações que podem ser feitas a partir dos conceitos de virada linguística e somática podem servir como base para os estudos de linguagem. Contudo, a necessidade de estudos que privilegiassem a mobilidade nos atos de identidade, fornecendo “um modo de pensar as relações entre linguagem e identidade que enfatiz[e] a força produtiva da linguagem na constituição da identidade, em vez de a identidade ser um construto pré-dado refletido no uso da linguagem” (PENNYCOOK, 2006, pp.80-81) fez erguer o movimento conhecido como virada performativa.

Considerada “uma categoria de elocuições novas e distintas, que não possuem valor de verdade na medida em que não descrevem o mundo, mas agem sobre ele” (NOGUEIRA, 2020, p.167), a performatividade discute a desnaturalização sobre corpos, identidades, sexualidade e gênero. Muitas vezes, ela se entrelaça com o enunciado, por se mostrar irrepetível e relacionada com as diferentes esferas da atividade e da comunicação (BAKHTIN, 2011). A partir de atos de performatividade são produzidos sentidos, constituídos sujeitos e fornecidos modos de

compreender como diferentes indivíduos desempenham o seu fazer social, pois “dizer algo é fazer algo; ou que por dizermos, ou ao dizermos algo estamos fazendo algo” (AUSTIN,1990, p. 29).

Os deslocamentos sociais resultantes das enunciações, fazeres e dizeres que envolvem a performatividade apontam para a compreensão de uma sociedade como plural, mutável, não homogênea e móvel, se opondo a construções hegemônicas alicerçadas no pensamento único e legitimado de verdade. Buscando aceder de maneira concreta a tais compreensões, a linguística aplicada se encontra em revisão de suas bases, afim

- 1) de que, se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estaremos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva;
- 2) de que nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social;
- 3) de que há na contemporaneidade uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de construção de sentidos. (FABRICIO, 2006, p.48)

O trânsito em espaços que compreendem a linguagem como prática social é um ponto chave para a performatividade no campo da linguística. Em grande parte dos estudos de linguística, estandarizou-se relegar o social a um plano inferior, idealizando sujeitos autossuficientes – como o falante e/ou ouvinte ideal chomskiano (RAJAGOPALAN, 2006). Ao elaborarmos uma linguística que nos faz falhar (MOITA LOPES, 2006a), em oposição à construção de epistemologias e sujeitos caracterizados dentro de um ideal de perfeição autossuficiente, compreenderemos que não há nada fora da linguagem e que “pensar *sobre* a linguagem é também uma das tantas formas de pensar *na* linguagem”. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 127, grifos do autor)

Baseado nas considerações apresentadas e propondo possibilidades de pensar sobre a linguagem como prática social de cunho crítico, este artigo possui como objetivo analisar as performances narrativas produzidas pelos envolvidos no caso policial que enquadrou o jogador de futebol Robinho como principal indiciado. As performances narrativas elencadas vieram à tona, pela imprensa brasileira, após o jogador receber uma acusação de estupro e constituem a base para a análise judicial do caso. As análises serão feitas com base nos construtos teórico-metodológicos das linguísticas relacionadas à prática social, com foco nas noções de indexicalidade e de escalas sociolinguísticas em trechos narrativos.

A seguir, será elencada uma discussão sobre linguística e prática social. Após, serão apresentadas noções sobre escalas sociolinguísticas. Na sequência, são apresentadas as informações sobre o caso Robinho, além de análises de narrativas relacionadas ao caso. Por fim, serão apresentadas as considerações finais do artigo.

## 2 Uma linguística da prática social

Na busca de uma linguística voltada à prática social, transitaremos entre os conceitos de

Linguística Aplicada Indisciplinar, Linguística Aplicada Crítica e Linguística da Prática Comunicativa. Ainda que existam diferenças epistemológicas sobre tais áreas, neste artigo serão elencados os conceitos as aproximam.

A conceituação de uma linguística voltada às fissuras narrativas das práticas sociais passa, inevitavelmente, por uma ruptura de ideais de outrora para uma proposta contemporânea - de um objeto de natureza algorítmica para um objeto da realidade mental (RAJAGOPALAN, 2007, p.18) - que se volte a compreender a linguagem e, conseqüentemente, a linguística como uma prática social.

Ao propor uma linguística aplicada contemporânea, Moita Lopes (2006a) afirma que esta deve ter algo a dizer no/sobre o mundo tendo como base os atravessamentos de outros campos das ciências sociais e humanidades. Para tanto, é necessário que se faça o movimento de sair do campo da linguagem, adentrar o campo das ciências sociais e só então retornar ao campo da linguagem. Dessa maneira, poder-se-ia observar o objeto dessa linguística aplicada contemporânea como transdisciplinar, híbrido, e INdisciplinar (MOITA LOPES, 2006a, grafia do autor). Uma Linguística Aplicada INdisciplinar:

[...] não tenta encaminhar soluções ou resolver problemas com que se defronta ou constrói. Ao contrário, a LA procura problematizá-los ou criar inteligibilidades sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de uso da linguagem possam ser vislumbradas. (MOITA LOPES, 2006b, p. 20)

As práticas indisciplinadas dialogam com as práticas sociais e o mundo contemporâneo. As vivências em tais práticas, em muitos momentos, causam desconforto àqueles que vivem dentro dos limites disciplinares por caracterizar ameaça (MOITA LOPES, 2006b), já que carregam característica autorreflexiva e atravessamentos políticos nada neutros. Ao propor um movimento de sair do campo da linguagem, adentrar o campo das ciências sociais e então retornar ao campo da linguagem, Moita Lopes (2006b) se alia a Paulo Freire (2001) nos papéis que a ação-reflexão-ação assumem. Por assim dizer, a ação inicial seria a compreensão e o pensar sobre/no campo da linguagem e sua saída rumo à reflexão, ou seja, as orientações presentes no campo das ciências sociais. O resultado desta primeira ação e do processo de reflexão acarretam em uma nova ação, composta de enunciados e fazeres, disposta também no campo da linguagem, pautada não somente nas práticas linguísticas, mas sim em toda uma prática crítica e social reverberante.

A linguística crítica caminha no mesmo sentido da Linguística Aplicada INdisciplinar. Pautada na necessidade de repensar as relações de teoria e prática no campo da linguagem, na Linguística crítica “não basta se contentar com uma análise linguística, *stricto sensu*, sem se preocupar com a natureza social do fenômeno”. (RAJAGOPALAN, 2006, p.163)

Na busca de uma reflexão sobre a necessidade da linguística se aproximar à prática social, Rajagopalan (2003; 2006) propõe a metáfora da torre de marfim. Para o autor, se a linguística não se aproxima do que ocorre no mundo real, apresentando importância para o dia a dia das pessoas comuns, ela estará tão isolada quanto uma torre de marfim alocada no alto de um castelo.

Com base na metáfora, não apenas a linguística deve estar relacionada com a vida das

pessoas comuns, como o pesquisador e seu objeto de pesquisa. Com isso, cai por terra a antiga posição de neutralidade entre pesquisador e objeto – herança consolidada do positivismo. Rajagopalan (2006, p. 163) “não só nega tal neutralidade, como insiste em que a própria crença da neutralidade não passa de ingenuidade metateórica (na melhor das hipóteses) ou uma manobra ideológica (na pior das hipóteses)”.

Posto que não há neutralidade na linguística crítica, o pesquisador deve se fazer valer da consciência crítica para a compreensão e valorização do objeto de pesquisa. A consciência crítica ocorre ao passo que as performances se baseiam em responsabilidades ético-políticas. Em outras palavras, “quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas” (RAJAGOPALAN, 2003, p.125), a consciência crítica emerge.

Mas como propor reflexões que se voltem a uma linguística crítica? Assim como no caso da linguística aplicada indisciplinar, a linguística crítica também acredita no trânsito entre outras áreas do conhecimento, desenvolvendo o pensamento multi em contraposição ao uno. Sair da linguística crítica, mergulhar nas ciências sociais e humanas e voltar à linguística crítica com diálogos transdisciplinares é o caminho para a valorização da consciência crítica.

Em *Language and Superdiversity*, Blommaert e Rampton (2011), discutindo a comunicação, definem a linguística da prática comunicativa como derivada de uma tradição linguística e antropológica de Sapir. Esta contesta, sobretudo, o primado da forma na linguística, tanto de base convencional quanto mentalista.

De maneira geral, nessa perspectiva considera-se que

Essa abordagem coloca a ação situada em primeiro lugar, ela vê as convenções/estruturas linguísticas como apenas um (embora importante) recurso semiótico entre um número disponível aos participantes no processo de produção e interpretação linguística local, e trata o significado como um processo ativo de projeção e inferência do aqui e agora, abrangendo todos os tipos de percepção, signo e conhecimento.<sup>2</sup> (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p. 7)

Assim como a linguística aplicada indisciplinar e a linguística crítica, a linguística da prática comunicativa, concebida dessa forma, busca a interlocução com outras áreas das ciências humanas.

De acordo com Blommaert e Rampton, os cinco elementos indispensáveis a uma linguística da prática comunicativa são: a multimodalidade, o conhecimento não compartilhado, a reflexividade metapragmática, a entextualização e a indexicalidade.

A *multimodalidade* pressupõe que os significados são percebidos e construídos a partir de diversos meios não estritamente linguísticos: gestos, movimentos, ambientes, escrita, tecnologias, entre outros. Para os autores, o *conhecimento não compartilhado* parece desempenhar um papel importante para a comunicação, que não é travada simplesmente de modo unívoco e

---

<sup>2</sup> “This approach puts situated action first, it sees linguistic conventions/structures as just one (albeit important) semiotic resource among a number available to participants in the process of local language production and interpretation, and it treats meaning as an active process of here-and-now projection and inferencing, ranging across all kinds of percept, sign and knowledge” (Tradução nossa).

consciente, mas sim em negociações e interpretações assimétricas e não necessariamente partilhadas. Segundo Blommaert e Rampton, essa problematização do conhecimento compartilhado evidenciaria, nos falantes, a *reflexividade metapragmática*, a capacidade de reflexão sobre sua própria fala e a dos outros – no limite, também a reflexão sobre o que é norma, a partir de suas expectativas. A *entextualização* está em uma perspectiva de trajetória textual, de valor de troca das práticas linguísticas, que pode se dar ainda como transposição e recontextualização.

Por ter um olhar voltado ao híbrido, não ao uno e estável, os autores concebem, com a ideia de *indexicalidade*, o signo linguístico como indexical. Assim, pode-se observar a indexicalidade como o apontamento para significações de caráter conotativo, discursos construídos coletivamente, localizados em um determinado espaço-tempo, de caráter social, observadas através de traços narrativos, ou seja, não como referencial e simples reflexo do mundo.

A indexicalidade possui dois modos de ordenação diretamente ligados à prática social: a ordem indexical e a ordem de indexicalidade. No primeiro são evidenciadas “categorias do mundo social que podem ser cristalizadas ao longo do tempo e da história” (MELO, 2015, p. 168). Para a ocorrência de uma ordem de indexicalidade é preciso que haja coerência sociocultural (GUIMARÃES, 2020, p. 8), resultante de normatizações fixadas socialmente. Assim, a ordem de indexicalidade corresponde a concepções hierarquizadas, normalizadas e apontadas em escalas na constatação do exercício de poder e desigualdade nos discursos. A seguir veremos o que são as escalas e como essas são representadas.

### 3 Escalas sociolinguísticas

No texto *Sociolinguistic scales*, de 2007, Jan Blommaert busca repensar a pesquisa sociolinguística com a introdução da noção de escalas linguísticas, concebendo para tanto espaço e tempo como uma unidade em uma metáfora vertical estratificada. O autor argumenta que a sociolinguística, até então, se ocupou de metáforas espaciais horizontais e que, para dar conta dos fenômenos contemporâneos da globalização, é necessário um acompanhamento de processos de ordenação hierárquica – ou seja, de uma verticalidade estratificada, marcada por relações de poder e de desigualdade. A noção de escala considera as relações sociais, assim, como acontecimentos unidos em um espaço-tempo na construção de significados. A noção de escala opera, teoricamente, o deslocamento entre individual e coletivo, local e global, aqui e algures, buscando evidenciar, nos fenômenos linguísticos, a desigualdade das relações sociais. Para trabalhar metodologicamente esse movimento entre contextos, propõe-se o conceito de indexicalidade.

Como observado em Blommaert (2007), a noção de indexicalidade é descrita como um elemento essencial à prática de uma linguística da prática comunicativa. Ainda neste texto, Blommaert (2007) reconhece a necessidade de modificações para a noção de escala, com vistas a refiná-la. No texto de 2014, *Further notes on sociolinguistic scales*, Blommaert, Westinen e Leppänen propõem, então, que as próprias escalas possuem em si estruturas estratificadas, sequenciais e hierárquicas. Com isso, os autores buscam contemplar teoricamente a pluralidade de arranjos dos dados e das abordagens.

Dessa forma, a escalaridade emerge enquanto sistema complexo e dinâmico que desafia as imagens simples e estáticas do “local versus global” ou do “tipo versus dica”, pois está aberta

aos cruzamentos e convergências, como instrumento através do qual os sujeitos ordenam suas semiotizações do mundo social e material. Em situação escalar, os discursos individuais transitam e se realocam em um contexto coletivo, tendo como pano de fundo as relações sociais. Por assim dizer, as escalas ocorrem de maneira a (re)apontar as relações de poder, no movimento das ações do micro para o macro, tornando generalizadoras as construções sociais feitas de maneira individual. Trabalhos compostos de escalas sociolinguísticas objetivam “uma prática de análise capaz de capturar questões de estratificação e poder presentes nas relações sociais, ao acompanhar os usos e aplicabilidades de recursos linguísticos em diferentes espaços e de diferentes formas”. (BAZZO, 2019, p. 255)

Ainda em relação à escalaridade, Sanque afirma que “o trabalho escalar molda a percepção dos fenômenos sociais, com base em estratégias orientadoras, tais como analogias, comparações, aproximações, separações e hierarquizações (2020, p.7). Dessa forma, estabelecer relações a partir de escalas orienta, compara conecta e posiciona aqueles que delas fazem uso e não se esgotam, vista a manutenção das posições nas escalas. (CARR; LEMPERT, 2016)

A seguir, serão apresentadas as narrativas relacionadas ao caso Robinho e as análises realizadas com base nas noções de escalas, ordens indexicais e ordens de indexicalidade.

#### 4 “Caso Robinho”: descrição e análises

Robson de Souza, mais conhecido como Robinho, é um jogador de futebol reconhecido no Brasil e no mundo, tendo passagem em times como Santos, Atlético Mineiro, Real Madrid (Espanha), Manchester City (Inglaterra), Milan (Itália) e Seleção Brasileira, entre outros.

Quando jogava na Itália, Robinho foi acusado e sentenciado, em primeira instância, por violência sexual. No ato, Robinho e mais cinco amigos foram acusados, sendo que apenas ele e Ricardo Falco foram julgados pela justiça italiana, já que os demais deixaram o país. O caso teve maior repercussão no Brasil em 2020, quando Robinho foi contratado novamente pela equipe do Santos, e trechos de suas falas em relação à violência sexual foram divulgadas em repúdio à contratação pela equipe brasileira.

Guiados pelo procedimento de Freitas e Moita Lopes (2019), em que a diferença entre as escalas vertical e horizontal é demonstrada por meio do posicionamento dos interlocutores, passamos à observação da reportagem da página de internet *Globo Esporte*<sup>3</sup> e da página de internet *UOL Esportes*<sup>4</sup> referentes ao caso citado. Tal procedimento nos parece bastante adequado, pois, enquanto a verticalidade é citada para caracterizar a hierarquia e o poder nos diálogos (BLOMMAERT, 2010; FREITAS, MOITA LOPES, 2019; BAZZO, 2019), a horizontalidade se volta a compreender os empregos concretos da linguagem em espacialidades e tempos determinados (KELL, 2009, 2015; BAZZO, 2019), fatos presentes nas narrativas de Robinho.

Para a realização da análise, buscou-se por reportagens vinculadas a veículos de imprensa brasileira, representativos na esfera do jornalismo esportivo, que apresentassem narrativas de Robinho e pessoas diretamente relacionadas ao caso. Das duas reportagens selecionadas foram

<sup>3</sup> Disponível em <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/as-gravacoes-do-caso-robinho-na-justica-italiana-a-mulher-estava-completamente-bebada.ghtml>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/10/17/robinho-qual-crime-cometi-o-erro-foi-nao-ter-sido-fiel-a-minha-esposa.htm>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

elencados três trechos de narrativas com a presença de Robinho, Falco – amigo de Robinho presente no dia do ato – e do advogado do ex-jogador. Os trechos foram escolhidos por apresentarem movimentos escalares e/ou marcas indexicais por parte dos narradores.

No primeiro trecho, faz parte da reportagem de Globo Esporte, publicada no dia 16 de outubro de 2020, consta um diálogo do jogador Robinho, ocorrido dentro de um carro, no qual ele conversa com Ricardo Falco, outro envolvido no caso, sobre o estado de consciência da jovem estuprada. O trecho a seguir demonstra tal narrativa:

#### Trecho 1

<p>Falco: – Ela se lembra da situação. Ela sabe que todos transaram com ela.</p> <p>Robinho: – O (NOME DE AMIGO 1) tenho certeza que gozou dentro dela.</p> <p>Falco: – Não acredito. Naquele dia ela não conseguia fazer nada, nem mesmo ficar em pé, ela estava realmente fora de si.</p> <p>Robinho: – Sim.</p>
--

Inicialmente, no Trecho 1, Falco afirma que a vítima se lembra da situação. Na sequência, o acusado diz que ela não era capaz de reagir, devido ao seu estado de embriagamento. Ao afirmar que “ela se lembra da situação”, Falco movimentava escalarmente a vítima para uma posição de culpada. Tal deslocamento é reafirmado com a ordem de indexicalidade “ela sabe que todos transaram com ela”. Contudo, após uma assertiva de Robinho, Falco volta a movimentar a mulher para a posição escalar de vítima, afirmando que “ela estava fora de si”. A compreensão do papel de vítima é assegurada por Robinho ao confirmar com Falco que a mulher realmente estava fora de si.

No diálogo, a atividade sexual é confirmada. No entanto, essa atividade será desenvolvida, nos trechos seguintes, tanto pela defesa quanto pelos acusados, como uma relação sexual consensual. No segundo trecho, também presente na reportagem de Globo Esporte, constam declarações do advogado do ex-jogador, Alexander Gutierrez. Sobre Robinho, diz seu advogado:

#### Trecho 2

<p>Gutierrez – O artigo que enquadra meu cliente é claro: fala em induzir alguém a beber ou tomar droga com objetivo de usufruir dela sexualmente. Não há provas de que isso aconteceu. Fazer sexo com uma pessoa bêbada ou drogada não fere a lei. Não estou dizendo que ele [Robinho] é uma pessoa perfeita. Ele mesmo reconheceu ter tido uma conduta pouco séria, mas crime não cometeu.</p>
--

Ao dizer que seu cliente pode não ser “uma pessoa perfeita”, o advogado apela à



falibilidade humana em busca de empatia da opinião pública. A mobilização da ordem de indexicalidade ocorrida pela expressão “pessoa perfeita” realoca Robinho não mais no alto da escala vertical, mas sim em uma posição de inferior. Com esse movimento, o advogado busca, pelo emocional, retirar o acusado de estupro de sua posição marcadamente negativa, conduzindo-o a um nível horizontal generalista, abrandando assim a assimetria na escala: todos nós podemos falhar, pois errar é humano. Tal movimento do discurso do advogado é ainda corroborado pela asserção “reconheceu ter tido uma conduta pouco séria”, que expiaria sua falha, uma que – nas palavras do advogado – não foi cometido crime algum.

A expressão “pessoa perfeita” indexicaliza a ordem indexical “religiosidade”. Ao buscarmos referências bíblicas, encontraremos em Salmos 37:37 a afirmação que “Nota o homem sincero, e considera o reto, porque o fim desse homem é a paz” (BIBLIA ONLINE). A partir do trecho bíblico, ser sincero e, por consequência, estar em paz é mais importante do que não cometer erros. Contudo, não se pode esquecer que o “erro” de Robinho é contra o corpo de uma pessoa que, segundo a justiça italiana, foi violentada sexualmente sem possibilidade de recusa devido ao seu estado de embriaguez – não levado em conta por Robinho e seus amigos.

Em relação ao comportamento da jovem que denunciou o estupro, o advogado usa expressões como “uma pessoa bêbada ou drogada”, para apontar para a ordem indexical “desqualificação”. As mesmas expressões remetem também a uma posição de inferioridade na escala vertical e que, portanto, merece que o discurso da jovem não seja levado em consideração frente o discurso de Robinho e seu advogado.

O terceiro trecho foi retirado de UOL Esportes, publicado no dia 17 de outubro de 2020. Nele, observa-se a narrativa de Robinho sobre o que ele julga como erro. Observemos o Trecho 3:

### Trecho 3

Robinho - A questão é: qual foi o erro que eu cometi? Qual foi o crime que eu cometi? O erro foi não ter sido fiel a minha esposa, não cometi nenhum erro de estuprar alguém, de abusar de alguma garota ou sair com ela sem o consentimento dela [...] Deus vai dar vitória. Que se cumpra o propósito de Deus na minha vida.

No trecho em questão podemos observar um salto escalar vertical entre os sujeitos, já que Robinho se desloca de seu local de privilégio, semiotizando a ordem de indexicalidade “esposa” como um elemento de maior valor escalar. Há um movimento também na escala horizontal visto que o foco da ação narrada deixa de estar em Robinho para ser apontado para a ordem de indexicalidade “esposa”. Nesse mesmo ponto, Robinho diminui a posição da vítima, que poderia estar no mesmo ponto escalar por ser “mulher”. Contudo, tal feito não ocorre, já que a jovem não possui traços fundamentais do poder empregados nas especificidades femininas ocidentalizadas e cristãs: o matrimônio.

Tanto a vítima quanto a companheira de matrimônio estão em posições subjugadas na escala vertical por serem mulheres, pois a condição de privilégio de ser homem não é desfeita hierarquicamente. Já quando observada a ordem indexical “mulheres”, aponta-se para uma ordem de indexicalidade na escala vertical em que a esposa do acusado está em local de

privilégio em relação à vítima, devido a suas características ocidentalizadas-cristãs.

A ordem indexical “consentimento” é apontada pelo acusado, que tenta se mostrar arrependido apenas de ter sido infiel à esposa e aos dogmas cristãos que segue. Do mesmo modo que os advogados haviam apelado ao arrependimento e à falha para conquistarem empatia para com o acusado, também Robinho busca remissão de seus pecados perante a instituição matrimonial, ocidental e religiosa – não por acaso citada na sequência: “Deus vai dar vitória”. A seguir, serão apresentadas as considerações finais acerca das análises realizadas.

## 5 Considerações finais

Neste trabalho buscou-se construir uma série de discussões entorno da compreensão da linguística como prática social. Para tanto, foi através de recortes das performances narrativas produzidas pelos envolvidos no caso judicial em que o protagonista é o jogador de futebol Robinho, que buscamos discutir como podem ocorrer os movimentos escalares e os trânsitos nas ordens de indexicalidade.

No que corresponde aos movimentos escalares, no Trecho 1 a vítima é deslocada para uma posição de culpada por Falco, quando este afirma que ela lembrava da situação ocorrida. Contudo, logo em seguida, Falco refaz a sua narrativa e realoca aquela que está em posição de culpada para a posição de vítima.

No Trecho 2, em que Gutierres, defende Robinho, ao passo que o advogado afirma que seu cliente não é uma pessoa perfeita, Robinho é deslocado para uma posição escalar inferior. Tal afirmação se faz necessária para que Robinho possa ser comparado com uma pessoa qualquer, um humano qualquer, valorizando sua atitude errada, pois errar é humano. Ainda no Trecho 2, Gutierres busca colocar a vítima em uma posição escalar de inferioridade ao referir-se a ela como “bêbada ou drogada”.

Já no Trecho 3, Robinho é que conduz os movimentos escalares, inicialmente propondo uma troca de posições entre ele e sua esposa, estando ela em uma posição escalar privilegiada. Contudo, por não ser uma mulher casada, a vítima não é erguida da mesma maneira por Robinho que, ao contrário, a coloca em uma posição ainda mais inferior em relação a ele.

Já no que tange as ordens indexicais e de indexicalidade, no Trecho 1 pode-se observar que a ordem de indexicalidade “ela sabe que todos transaram com ela”, proferida por Falco, é usada como potencializadora para a compreensão de que a vítima era, em verdade, culpada pela ação ocorrida.

O Trecho 2 traz na narrativa de Gutierres uma ordem de indexicalidade sobre Robinho não ser uma “pessoa perfeita”, o que indexicaliza a ordem indexical “religiosidade”. Tal feito, quando comparado com trechos bíblicos, como o Salmos 37:37, conduz à compreensão de que por ter sido “sincero” em sua imperfeição, Robinho estará em paz. No mesmo trecho, a ordem indexical “desqualificação” é trazida à tona por Gutierres ao afirmar que a vítima era “uma pessoa bêbada ou drogada”.

No Trecho 3 a ordem de indexicalidade “esposa” é trazida por Robinho apontando para uma “valorização”, o que não ocorre com a vítima do caso, posto que essa é uma mulher solteira. Robinho traz também a ordem indexical “consentimento” como um elemento que aponta para uma inexistência de culpa. Em contrapartida, é com a ordem de indexicalidade “Deus vai dar vitória” que Robinho aponta para a ordem indexical “culpabilidade”.

Através da análise dos trechos destacados, foi possível observar como a linguagem e seus construtos teórico-metodológicos podem ser usados para compreender as narrativas produzidas por sujeitos em posições escalares hierarquicamente privilegiadas. Além disso, é possível trazer para o campo da linguística discussões da prática comunicativa com viés crítico e indisciplinar. Não à toa, na construção deste artigo, os movimentos produzidos deslocaram-se entre as teias das ciências sociais aplicadas, da educação e das linguísticas que nos fazem falhar, para, por fim, performar problematizações e criar outras inteligibilidades.

## Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: Palavras e ação*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAZZO, M. G. Contribuição de escalas como categoria de análise para a pesquisa sociolinguística. *Entreletras*, Araguaína, v. 10, número 1, jan/jun, pp. 254-266, 2019.
- BIBLIA ONLINE. Salmos 37:37. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/37/37>. Acesso em 18 de dez. de 2020.
- BLOMMAERT, J. Sociolinguistic scales. *Intercultural Pragmatics*, Brisbane, vol. 4, número 1, pp.1-19, 2007.
- BLOMMAERT, J. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: University Press, 2010.
- BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and superdiversity: a position paper. *Working Papers in Urban Language & Literacies*, London, v. 70, pp. 01-22, 2011.
- BLOMMAERT, J.; WESTINEN, E.; LEPPÄNEN, S. Further notes on sociolinguistic scales. *Tilburg Papers in Culture Studies*, Tilburg, v. 89, pp. 01-12, 2014.
- CARR, S. E.; LEMPERT, M. Introduction: Pragmatics of scale. In: \_\_\_\_\_(eds.) *Scale: discourse and dimensions of social life*. Oakland: University of California Press, 2016.
- FABRICIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FERRAZ, L. As gravações do caso Robinho na justiça italiana: "A mulher estava completamente bêbada". *Globo Esporte*, 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/as-gravacoes-do-caso-robinho-na-justica-italiana-a-mulher-estava-completamente-bebada.ghtml>. Acesso em: 18 de nov. de 2020.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREITAS, L. F. R.; MOITA LOPES, L. P. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 19, pp. 147-172, 2019.
- GUIMARÃES, T. F. Performances identitárias em trajetórias textuais na escola e nas redes

sociais virtuais: uma observação multissituada. *Revista Indisciplina em Linguística Aplicada*, Rio de Janeiro, v.1, número 1, pp. 01-15, 2020.

KELL, C. Ariadne’s Thread: literacy, scale and meaning-making across space and time. In: STROUD, C.; PRINSLOO, M. (ed.). *Language, literacy and diversity: moving words*. New York: Routledge, 2015.

KELL, C. Weighing the scales: recontextualization as horizontal scaling. In: COLLIN, J.; SLEMBROUCK, S.; BAYNHAM, M. (ed.). *Globalization and language in contact: scale, migration, and communicative practices*. London: Continuum, 2009.

MELO, G. C. V. As ordens de indexicalidade sobre ensino de inglês e raça mobilizadas na narrativa de uma professora de língua inglesa. In: FERREIRA, A. de J. (org). *Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b.

NOGUEIRA, M. O. O corpo que fala: moralidade, narrativas de experiência e micropolíticas de resistência. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 10, número 25, pp. 163-184, 2020.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica. *Línguas & Letras*. Dossiê: Refletindo sobre pesquisas em linguística, Cascavel, v. 8, número 14, pp. 13-20, 2007.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SANQUE, D. R. K. Signos indisciplinados: orientações escalares em competição na circulação de “Tchau querida”. *Revista Indisciplina em Linguística Aplicada*, Rio de Janeiro, v.1, número 1, pp. 01-20, 2020.

Recebido em: 27/02/2021

Aceito em: 24/06/2021